

HERÓDOTO

HISTÓRIAS

livro 1º

Introdução geral

de

Maria Helena da Rocha Pereira

Professora da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Introdução ao Livro I, versão do grego e notas
de

José Ribeiro Ferreira e Maria de Fátima Silva

Professoras da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

© desta tradução: José Ribeiro Ferreira, Maria de Fátima Silva e Edições 70

Capa do Departamento Gráfico das Edições 70
Athena Lemnia, de Fídias

Desenho de Louro Fonseca a partir de uma cópia romana
Revisão tipográfica de Edições 70

Depósito Legal n.º 84760/94

ISBN 972-44-0901-5

Direitos reservados para todos os países de língua portuguesa
por Edições 70, Lda, Lisboa – Portugal

EDIÇÕES 70, LDA.

Rua Luciano Cordeiro, 123 - 2.º Esq.º - 1069-157 LISBOA / Portugal

Telef.: 213 190 240 – Fax: 213 190 249

e-mail: edi.70@mail.telepac.pt

www.edicoes70.pt

Esta obra está protegida pela lei. Não pode ser reproduzida
no todo ou em parte, qualquer que seja o modo utilizado,
incluindo fotocópia e xerocópia, sem prévia autorização do Editor.
Qualquer transgressão à Lei dos Direitos do Autor será passível de
procedimento judicial.

edições 70

pensando que ele dizia a verdade, exclamou: "Possam pois os deuses pôr isso no espírito dos ilhéus: vir contra os filhos dos Lídios com os cavalos" ³⁶. Em resposta, disse-lhe o outro: "Ó rei, parece-me que desejás vivamente surpreender em terra firme os insulares a cavalo, e com razão alimentas tal esperança. Mas que outra coisa pensas tu desejam os habitantes das ilhas, desde o momento em que souberam que tu estavas a construir barcos para os atacar, a não ser procurar surpreender os Lídios no mar, para vingarem os Gregos estabelecidos no continente, que tu manténs escravizados?" Creso ficou muito agrado com esta conclusão e, convencido — já que lhe parecia que falava com justeza —, suspendeu

(caps. 29-33), Oulton (cap. 59, 2-3) e Tales (caps. 74, 2, 75, 3-4 e 170, 3). No cap. 29, o historiador especifica que passaram por Sardes "todos os outros sábios da Hélade que na altura viviam", mas não diz quantos eram. Segundo Éforo (*FGHst* 70 F 181), todos os Sete Sábios, com excepção de Tales, ter-se-iam encontrado precisamente na corte de Creso (cf. Diógenes Laércio 1, 40). As dificuldades cronológicas suscitadas por estes encontros levam a concluir pela sua não historicidade (vide M. P. Nilsson, *A History of Greek Religion* (Oxford, 1963), pp. 225 sqq.). Fontes relativas a Sólon e aos Sete Sábios em Martina, *Solon. Testimonia veterum*, Roma, 1968, n.º 100-112. Para bibliografia sobre o assunto vide pp. 432-433.

A sabedoria de Bias era proverbial (cf. Hipónax, fr. 79) e personifica a figura do sábio conselheiro. Em 1, 170, 2 Heródoto refere o conselho dado por ele aos Iónios, para que emigrassem em bloco para a Sardenha. Conta, por outro lado, a tradição que teria composto um longo poema para mostrar como a Iônia podia prosperar. Foi árbitro num conflito entre a sua cidade natal, Priene, e Samos.

Algumas fontes (vide Piccirilli, *op. cit.*, n.º 4) situam Bias, pelo menos a sua mediação, nos inícios do século VI, no tempo de Aliates, de Periarcto e Tráshulo, da Segunda Guerra Messênica e da guerra entre Samos e Priene, mas Heródoto, com outros, considera-o contemporâneo de Creso e de Ciro.

Pláco, esmameia de Mitilene (cf. Aristóteles, *Política* 3, 14, 9-10, 1285a 33-b 1), foi contemporâneo de Alceu e de Efron, vencedor na Olimpíada de 636 a. C. Diógenes Laércio 1, 79 data a sua morte de 570, após dez anos de tirania. Pertence por isso à geração anterior a Creso, que só atinge o poder por volta de 560. Pláco parece ter sido aliado de Amásis (vide How-Wells I, p. 65).

Esta pequena narração do conselho de Bias ou de Pláco — que não tem valor histórico e pretendia, além de referir uma resposta arguta, explicar o motivo por que Creso não conquistara as ilhas — insere-se no género dos diálogos didácticos entre uma pessoa sabedora e um tirano ou despota: diálogos com regras fixas, contém sentenças, advertências didácticas e conselho prático. Estes conselheiros, que nem sempre dão conselhos justos, têm em Heródoto, como os oráculos, os sonhos e os presságios, a função de predir o futuro. Sobre a figura do sábio conselheiro em Heródoto e sua função vide H. Bischoff, "Der Warner bei Herodot", in W. Marg (ed.), *Herodot. Eine Auswahl aus der neueren Forschung* (München, 1962), pp. 302-319; R. Latimore, "The wise adviser in Herodotus", *CPA* 34 (1939) 24-35.

³⁶ Os Lídios na época de Creso tinham fama de serem excelentes cavaleiros (cf. caps. 79 sqq.).

a construção de barcos. E desta forma fez um tratado de amizade com os Iónios que habitam as ilhas. Com o decorrer do tempo, foram submetidos quase todos os povos que habitam aquém do rio Hális. Na verdade, com excepção dos Cilícios e dos Lácios, Creso submetiera e tinha sob o seu domínio todos os outros, que são os seguintes: Lácios, Frígios, Mísios, Mariandinos, Cálbios, Paflagónios, Trácios da Trínia e da Bitínia, Cários, Iónios, Dórios, Edlios, Panfilios ³⁷.

Submetidos estes povos e anexando-os Creso à Lídia, acorrem a Sardes, que estava no auge da riqueza, cada um por sua razão, todos os outros sábios da Hélade que na altura viviam. Entre eles contava-se também Sólon, um ateniense que, depois de ter composto leis para os Atenienses, a solicitação deles, ausentou-se por dez anos, alegando, ao embarcar, o pretexto de desejar ver terras: na realidade, fê-lo para não ser obrigado a revogar alguma das leis que tinha estabelecido ³⁸. Ora, por si mesmos, os Atenienses não o podiam fazer, pois se tinham

³⁷ Heródoto nesta lista refere treze povos da Ásia Menor sob o domínio de Creso. Éforo, *FGHst*. 70 F 162 apomena dezasseis (sobre esta lista cf. Estrabão 14, 5, 23-25, 678-679). O historiador de Halicarnasso inclui os Lídios — talvez para sublinhar que também eles eram súbditos do rei — e Éforo esquece-os. De qualquer modo é uma inclusão estranha, para não dizer absurda.

A enumeração omite tribos referidas em outros passos, caso dos Cárnios (cap. 171), e inclui os Trácios da Trínia de que se não fala em 7, 75. Refere além disso os Cálbios que, ao contrário do que aqui acontece, são localizados pela maioria da tradição a oriente do rio Hális, portanto além desse rio. Trata-se de um povo homérico semítico, que Éforo *FGHst*. 70 F 162 identifica com os Alizónios da *Iliada* 2, 856-857 e, como Heródoto, coloca a ocidente do Hális. É possível, além disso, que alguns desses povos, senão a maioria, já tivessem sido incorporados na Lídia pelo antecessor de Creso, Aliates. De qualquer modo, Creso conduziu a conquista e cimentou a unificação administrativa, militar e tributária. Os Mariandinos habitavam a área da Bitínia oriental. Estrabão 12, 4, 3, 564 noticia uma campanha de Creso nessa zona. Os Panfilios ocupavam uma região que tinha colónias gregas ou mistas e cidades helenizadas desde a época arcaica, caso de Fasélis, Aspendos, Side.

³⁸ Heródoto (1, 30, 1 e 2, 10) e Aristóteles, *Constituição de Atenas* 11, 1 indicam também razões comerciais para a viagem. Aqui somos informados pelo historiador que Sólon, antes de partir, fez os Atenienses jurar que durante dez anos respeitaram as leis por ele instituídas. Mas, segundo Aristóteles, *Const. de Aten.* 7, 2 e Plutarco, *Sólon* 25, 1, a jura dos Atenienses implicava cem anos de imutabilidade das leis, e não dez apenas. Vide P. J. Rhodes, *A Commentary on Aristotelian Athenian Politeia* (Oxford, 1981), pp. 169-170.

Há um evidente anacronismo nesta referência à visita de Sólon à Lídia e ao Egipto (cf. Hdt. 1, 30, 1 e 2, 177, 2). Sobre este encontro de Sólon com Creso e a sua historicidade vide Introdução supra, pp. 6 sq.

A história de Sólon e de Creso teve grande voga na Antiguidade, possivelmente graças em parte à narrativa de Heródoto. Vide P. Oliva, "Die Geschichte von Kroisos und Solon", *Altertum* 21 (1975) 175-181. A bibliografia sobre Sólon e Heródoto vem em A. Martina, *Solon*, Roma, 1968, pp. 430-431.

comprometido por solenes juramentos a respeitar, durante dez anos, as leis que Sólon para eles estabelecera.

- 30.1 Por estas razões, pois, e pelo desejo de ver terras, Sólon saiu do país e foi visitar Amásis ao Egípto e Creso a Sardes. À sua chegada, foi hospedado por Creso no seu palácio. Depois, no terceiro e no quarto dia, por ordem de Creso, os servidores passaram Sólon pelos tesouros e mostraram-lhe toda a riqueza e opulência aí existentes. Depois de ter observado e examinado tudo, quando considerou o momento oportuno, Creso perguntou-lhe ³⁹: "Hóspede ateniense, até nós chegaram muitas vezes relatos a teu respeito, por causa da tua sabedoria e das tuas viagens, como, por amor à sabedoria, tens percorrido toda a terra, levado pela curiosidade ⁴⁰. Veio-me agora o desejo de te perguntar se já viste alguém que fosse o mais feliz dos homens". Interrogou-o dessa forma, na esperança de ser ele o mais feliz de todos, mas Sólon, sem qualquer lisonja e com sinceridade, responde: "Sim, ó rei, Telo de Atenas". Surpreendido com a resposta, Creso perguntou com interesse: "Porque julgas que Telo é o mais feliz?" E ele explicou: "Natural de uma cidade próspera, por um lado, teve filhos belos e bons e de todos eles viu nascerem filhos e todos permanecerem com vida; por outro, depois de gozar uma vida próspera, para o nosso meio, teve o mais brilhante termo da vida ⁴¹. Declarada a guerra pelos Atenienses contra os seus vizinhos de Elêusis, ele acorreu em auxílio, provocou a fuga dos inimigos e morreu da forma mais gloriosa. Os Atenienses sepultaram-no com exéquias públicas no próprio local em que tombou e tributaram-lhe grandes honras" ⁴².

³⁹ Alguns estudiosos ligam τὰς αἰ. κατὰ χρονὸν ἦν a θενάλευρον e a ορεφιδάκειον e então será "depois de ter observado e examinado tudo, como lhe apeteceu".

⁴⁰ "Por amor à sabedoria" traduz o particípio presente do verbo *philosophhein*, que possivelmente aparece aqui pela primeira vez. Vide A.-M. Malingrey, *Philosophia. Étude d'un groupe de mots dans la littérature grecque, des Présocratiques au IV siècle après J.-C.* (Paris, 1961) p. 38.

⁴¹ Os Gregos eram geralmente pobres e frugais, em comparação com os Lídios e os orientais (Plutarco, *Sólon* 27, 8).

⁴² Com essa honra foram distinguidos, entre outros, os heróis que caíram na batalha de Maratona (cf. Tucídides 2, 34, 5; Pausânias 1, 32, 4) e os que morreram na de Platéas (cf. Heródoto 9, 85). A sepultura pública no campo de batalha era prática corrente na Grécia da época arcaica, mas, no século V — e não é segura a data da transição —, os Atenienses que morriam no campo de batalha eram sepultados publicamente no Cerâmico. Vide C.W. Clairmont, *Patric Burial in Athens during the Fifth and Fourth Centuries B. C.* (Oxford, 1983); N. Robertson, "The collective burial of fallen soldiers at Athens, Sparta and elsewhere: 'ancestral custom' and modern misunderstanding", *Échos du Monde Classique* 27 (1983) 78-92.

Telo era recordado por outras fontes e não é de excluir que tanto ele como Cléobis e Bíton tivessem realmente existido. Talvez uma estela de Telo com epítáfio ainda fosse visível em Elêusis no tempo de Heródoto. É bem possível, pois, que tivesse caído num combate entre Atenienses e Megarenses pela posse de Salamina. Vide L. Weber, "Tellos, Kleobis und Biton", *Philologus* 82 (1927) 154-166.

Como Sólon, ao falar das muitas prosperidades de Telo, incitara

- 31.1 Creso, este perguntou quem, dentre os homens que ele vira, seria o segundo depois de Telo, imaginando obter de certeza pelo menos o segundo lugar. Mas Sólon respondeu: "Cléobis e Bíton. Estes, de facto, que eram de raça argiva, tinham suficientes meios de subsistência e eram, além disso, dotados de grande força física. Os dois foram igualmente atletas vencedores e deles conta-se ainda a seguinte história. Numa altura em que os Argivos celebravam a festa em honra de Hera, tornava-se absolutamente necessário que a sua mãe fosse levada num carro ao templo, mas os bois não chegaram a tempo do campo ⁴³. Constrangidos pela falta de tempo, os jovens submeteram-se eles próprios ao jugo, puxaram o carro em que a sua mãe se colocara e, numa distância de quarenta e cinco estádios, transportaram-na até ao santuário. Depois de fazerem isto, sob os olhares de toda a assembleia, sobreveio-lhes o melhor termo de vida, e neles mostrou a divindade ser melhor para o homem morrer do que viver ⁴⁴. Os Argivos, rodeando os jovens, elogiavam a sua força e as Argivas a mãe que tais filhos teve. Ela, cheia de júbilo pela façanha e pelos elogios, de pé diante da estátua, pediu que a deusa concedesse aos seus filhos Cléobis e Bíton, que tanto a haviam honrado, o melhor que um homem pode obter. Depois desta prece, uma vez realizados o sacrifício e o banquete, os jovens adormeceram no próprio templo e não se levantaram mais. Foi esse o fim que tiveram. Os Argivos ergueram-lhes estátuas que consagraram em Delfos como homens excelentes que eram" ⁴⁵.

Assim atribuía Sólon a estes jovens o segundo lugar em felicidade, e Creso, indignado exclamou: "Hóspede ateniense, e a nossa felicidade assim a lançaste na conta de nada, a ponto de nem nos equiparares a esses simples particulares?" Mas Sólon respondeu: "Ó Creso, eu sei que a divindade é toda inveja e irritável, e tu interrogas-me sobre coisas

⁴³ Encontramos referências a Cléobis e Bíton em fontes posteriores (Plutarco, *Sólon* 27, 7; Pausânias 2, 20, 3; Cícero, *Tusc.* 1, 47, 113). Uma história semelhante à de Cléobis e Bíton é referida a respeito de Trófonio e Agamedes (cf. Píndaro, fr. 2 Snell-Maehler, *Plutarco, Consolato ad Apoll.* 14, 1099a).

O santuário aqui referido é o famoso Heréion, no caminho para Micenas (cf. Pausânias 2, 17). A mãe, de nome Cidipe, era sacerdotisa (Plutarco, *Consolato ad Apoll.* 14, 1081) e, por isso, tinha de ser transportada de carro. A distância aqui indicada de quarenta e cinco estádios corresponde à realidade, já que o Heréion dista da cidade cerca de 8 km. Vide R. A. Tomlinson, *Argos and the Argolid* (London, 1972), pp. 203-204 e 230-247.

⁴⁴ A ideia de que a morte seja melhor do que a vida é um sentimento frequente em Heródoto. Alíora já em Homero e torna-se frequente na literatura grega: cf. Heródoto 7, 46, 3-4; Sófocles, *Edipo em Colono* 1225 sqq.

⁴⁵ Embora duas estátuas de dois *kourtoi*, da época arcaica, actualmente no Museu de Delfos, tenham sido consideradas uma representação desses jovens, Claude Vatin, "Les courti d'Argos", *BCH* (1982) 509-525 emite a hipótese de serem Pólux e Castor.

- 2 humanas. Ora, no longo tempo de uma vida, há ocasião de ver e padecer muitas coisas que uma pessoa não queria. Na verdade eu fixo em setenta anos o limite da vida para o homem ⁴⁶. Esses setenta períodos de um ano perfazem vinte e cinco mil e duzentos dias, não incluindo o mês intercalar. Ora se um em cada dois anos tem de ser aumentado de um mês, para que as estações calhem no tempo devido, em setenta anos os meses intercalares são trinta e cinco e os dias derivados desses meses mil e cinquenta ⁴⁷. De todos estes dias necessários para os setenta anos, que perfazem vinte e seis mil duzentos e cinquenta, nenhum deles oferece acontecimentos absolutamente iguais aos outros. Sendo assim, ó Creso, o homem é todo vicissitude ⁴⁸. Parece-me muito rico e rei de muitos homens, mas o que tu me perguntaste eu não te posso dizer que o sejas, antes de saber se atingiste feliz o termo da vida. É que o homem muito rico não é mais feliz do que o que tem para o dia-a-dia, se não o acompanhava a sorte de terminar a vida no meio de toda a espécie de prosperidades. Muitos homens ultra-ricos são infelizes e muitos outros de modestos recursos de vida são pelo contrário afortunados. Quem é muito rico, se infeliz, apenas em duas coisas supera o afortunado, mas este supera o rico infeliz em muitas. Um tem mais recursos para satisfazer um desejo e para suportar o golpe de uma grande calamidade, mas o outro supera-o no seguinte: se não é capaz de enfrentar do mesmo modo que ele desgraças ou desejos, a boa sorte preserva-o desses males; é uma pessoa sem enfermidades, sem doenças, que não conhece desgraças, com boa descendência e belo aspecto. Se, a somar a isso, ainda terminar bem a vida, esse é quem tu procuras, o que merece ser designado feliz.

⁴⁶ Sólon (frs. 20 e 27 West) considera, respectivamente, os setenta e os oitenta anos como o limite da vida humana (cf. ainda Diógenes Laércio 1, 60-61).

Setenta é um número simbólico ou místico (Aristóteles, *Política* 7, 17, 15, 1336b 38). No entanto, o limite da vida variava para os Gregos, como também no salmo 90, 10, entre os setenta e os oitenta anos. Em 3, 22 Heródoto coloca o limite nos oitenta.

⁴⁷ Os anos normais não tinham exactamente 360 dias, mas 354. O cálculo está aqui simplificado. A junção de um mês intercalar de 30 dias de dois em dois anos dava a média de 375 dias para cada ano, o que está nitidamente acima da duração do ano solar. A junção desse mês não é pois satisfatória, como aliás especifica Heródoto em 2, 40. Segundo Plutarco, *Sólon* 25, 4-5, Sólon reformulou o calendário ateniese e atribuiu-se-lhe a introdução do ciclo trianual. Talvez seja por isso que Heródoto o apresenta aqui a fazer semelhantes cálculos. As fontes relativas às reformas do calendário atribuídas a Sólon estão recolhidas em A. Martina, *Sólon*, pp. 185-189, n.º 369a-371b. Sobre o calendário ateniese vide E. J. Bickerman, *Chronology of the Ancient World* (London, 1980), pp. 34-38.

⁴⁸ O editor da Teubner, H. B. Rosén, *Herodoti Historiae* I. Livros I-IV continens (Leipzig, 1987), exclui o passo correspondente a "que perfazem vinte e seis mil duzentos e cinquenta", por não se encontrar em alguns códices e, além disso, por ser um pouco alheio ao dialecto de Heródoto.

- Mas, antes de chegar ao fim, espera e não o chames feliz, mas afortunado ⁴⁹. Reunir todas estas vantagens é impossível para um mortal, do mesmo modo que nenhum país se basta a si mesmo, produzindo tudo: se tem uma coisa, falta-lhe outra. O que tiver maior número, esse será o melhor. Do mesmo modo também nenhuma pessoa humana, isolada, se basta; se de facto possui uma coisa, está privada de outra. Quem deiver o maior número delas ao longo da vida e em seguida atingir o seu termo de uma forma afortunada, esse, em meu entender, tem o direito de, como um rei, receber tal nome. É necessário ver o fim de cada coisa e como se vai concluir. É que a muitos deixa ver o deus a felicidade e depois os abate sem apelo".
- Ao falar assim, Sólon não agradou nada a Creso e foi despedido, sem dele receber qualquer palavra. Considerava grande estultícia que alguém, sem ter em conta os bens presentes, aconselhasse a observar o fim de cada coisa.

Depois da partida de Sólon, terrível castigo da divindade atingiu Creso, ao que parece por ter acreditado que ele próprio era o mais feliz de todos os homens. De súbito, enquanto dormia, surgiu-lhe um sonho que lhe revelou a verdade sobre os males que iam atingi-lo através do filho. Creso tinha dois filhos, um deles com uma enfermidade, a de ser surdo-mudo, o outro era de longe superior em tudo aos da sua idade; Átis era o seu nome. Ora o sonho mostrou a Creso como ele o perderia, ferido por uma ponta de ferro ⁵⁰. Logo que acordou e se pôs a reflectir, recendo o sonho, casa o filho e, embora este costumasse comandar o exército dos Lídios, não mais o enviou a parte alguma em semelhante função. Os dardos, as lanças e as armas da mesma espécie, de que se servem os homens para a guerra, mandou-as retirar todas dos aposentos dos homens e recolhê-las em arrecadações interiores, para que nenhuma delas se desprendesse e caísse sobre o filho.

Quando tinha em mãos os preparativos do casamento do filho chegou a Sardes um homem, vítima de uma desgraça e sem ter as mãos puras: era de raça frígia e de estirpe real. Este homem apresenta-se no

⁴⁹ Sobre este passo citado e discutido por Aristóteles, *Ética a Nicómaco* 11, 8, 1178b 33-1179a 13 vide Introdução p. 8.

⁵⁰ Heródoto refere dois filhos de Creso, um dos quais, sem nome, era surdo-mudo — ou apenas mudo, como parece indicar o cap. 85 — e outro tinha o nome de Átis que naturalmente se deve aproximar do termo *ate* "desgraça, desvario", que o historiador usara em 32, 6, e do nome mítico Átis, filho e companheiro da deusa frígia Cibele, que, segundo Hermejánax (Pausânias 7, 17, 9-10), foi morto por um javali. Parece, de facto, que Creso teve dois filhos, mas também uma filha, Namis (cf. Hermejánax, fr. 6 Dieltz) e dizia-se na Lídia que um deles morrerá de forma violenta. Sobre o significado desta história vide supra Introdução, pp. 29-31.